

# **A EDUCAÇÃO AMBIENTAL COMO MEIO DE CONSCIENTIZAÇÃO SOBRE AS POSSÍVEIS TRANSFORMAÇÕES SOCIOAMBIENTAIS GERADAS PELA CHEGADA DO MOINHO FLUMINENSE AO BAIRRO PARQUE DUQUE/DUQUE DE CAXIAS**

Amanda Rodrigues – UERJ/FEBF  
gframanda@gmail.com

Caroline Nascimento – UERJ/FEBF  
caroline.desouza20@gmail.com

Caroline da Cunha – UERJ/FEBF  
carol.m.cunha@hotmail.com

Juarez Junior – UERJ/FEBF  
juarez.sgj@gmail.com

## **INTRODUÇÃO**

No ano de 2014 o prefeito da cidade de Duque de Caxias anunciou a instalação do novo Moinho Fluminense no bairro Parque Duque, um investimento que custará R\$500 milhões. Alexandre Cardoso e o diretor da empresa se mostram otimistas em relação ao novo negócio, visto que a obra, que se iniciará ainda nesse ano e com previsão de conclusão para 2016, gerará cerca de 1600 empregos diretos e indiretos e após a finalização do projeto serão gerados cerca de 300 empregos para profissionais especializados. Porém, será que a instalação desse moinho será positiva para a população e o meio ambiente daquela região? Será que a população residente sabe os efeitos que esse investimento trará para as suas vidas?

A indústria alimentícia Moinho Fluminense pertencente à Bunge, uma das maiores empresas de agronegócio do Brasil, e está atualmente instalada na Zona Portuária da cidade do Rio de Janeiro desde 1887, onde sua história mistura-se com o desenvolvimento da cidade. Recentemente, a região portuária do Rio vem passando por um processo de revitalização recebendo grandes investimentos públicos e privados: as obras do Projeto Porto Maravilha. De acordo com essa nova proposta de utilização da região portuária, transformando-a em um polo turístico- comercial, a indústria Moinho Fluminense não se “enquadra” neste novo cenário e chega a ser considerada um elemento obsoleto para a cidade. Devido a isso, a indústria foi vendida por

cerca de R\$800 milhões para a Vinci Partners e abrigará salas comerciais e um shopping center. Incentivos fiscais fornecidos pela atual gestão da cidade de Duque de Caxias despertaram o interesse para que a Bunge construísse as novas instalações da Moinho Fluminense no bairro de Parque Duque.

Motivados pelos estudos dos possíveis impactos que a transição desta indústria trará ao bairro e aos moradores do Parque Duque e adjacências, foi feita - pelo grupo - uma reflexão na disciplina de Educação Ambiental II do curso de Licenciatura em Geografia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro na Faculdade de Educação da Baixada Fluminense. Essa reflexão foi elaborada com o intuito de conscientizar a população a respeito dos impactos que a chegada do Moinho Fluminense acarretará no mesmo, perpassando pelos conceitos de racismo ambiental e paisagem.

Através do método dedutivo, buscaremos analisar a intencionalidade desta mudança na paisagem a partir da instalação do Moinho Fluminense no bairro Parque Duque e trabalharemos a conscientização da população local através da Educação Ambiental crítica, visto que esta apresenta uma visão holística de mundo, onde o social não está separado do ambiental e as escolhas individuais não se dissociam da história e das normas sociais. Sendo assim, ela “cumpre um papel de desalienação ideológica das condições sociais, evidenciando que as coisas nem sempre foram assim, e que não têm porque continuarem sendo” (LAYRARGUES, 2006).

Palavras-chaves: Educação Ambiental; Racismo Ambiental; Paisagem; Parque Duque – Duque de Caxias/RJ.

Tendo em vista a chegada da empresa Bunge ao bairro Parque Duque, na cidade de Duque de Caxias, através do Moinho Fluminense, o presente trabalho busca reunir condições e possibilidades de conscientizar os moradores do bairro Parque Duque e adjacências sobre possíveis impactos - positivos e negativos - provocados pela instalação da empresa em sua nova localização (figura 1). Através da discussão da Educação Ambiental Crítica-transformadora podemos encontrar pontos determinantes e

fundamentais para tornar essa perspectiva de conscientização possível.

Para fazer essa discussão é necessário compreender o que é a Bunge e o Moinho Fluminense e o motivo pelo qual essa empresa pretende se instalar em Duque de Caxias. É também de extrema relevância um embasamento e um diagnóstico do lugar para que essa discussão possa ser feita de maneira efetiva com a população local.

O Parque Duque é um bairro localizado no município de Duque de Caxias. Uma área pouco habitada devido a grande quantidade de indústrias existentes por lá, o que mostra que este bairro tem qualidades que atraem esse tipo de investimento. Dentre essas qualidades, podemos citar importantes vias expressas nas proximidades do bairro como a Linha Vermelha, a Avenida Brasil, a Rodovia Washington Luiz e a mais importante via: o Arco Metropolitano, construído recentemente para interligar a cidade de Duque de Caxias ao porto de Itaguaí, facilitando o escoamento da produção. Ao lado das futuras instalações do Moinho Fluminense há um grande conjunto habitacional e nas suas proximidades existem bairros residenciais, o que caracteriza possível força de trabalho para essas indústrias.



Figura 1 - Localização da futura instalação do Moinho Fluminense no Bairro Parque Duque/Duque de Caxias. Fonte:

Autores

## A Bunge

A indústria alimentícia Moinho Fluminense pertencente à Bunge, uma das maiores empresas de agronegócio do Brasil, e está atualmente instalada na Zona Portuária da cidade do Rio de Janeiro desde 1887, quando recebeu

autorização da Princesa Isabel para seu funcionamento. A empresa é a terceira maior exportadora do Brasil, onde comercializa e processa grãos (soja, trigo, milho), produz alimentos (óleos, margarinas, maioneses, açúcar), atua em serviços portuários e de logística produzindo também bioenergia. Atualmente a Bunge está presente em quase 40 países em todo o mundo e também em 19 estados brasileiros, além do Distrito Federal.

Em seu site a Bunge transmite a ideia de uma empresa responsável e consciente em relação ao meio ambiente e a sociedade, apresentando a frase “Nossa razão de existir está no valor que geramos para a sociedade, na filosofia que orienta nossos relacionamentos e na responsabilidade ambiental que pauta nossas iniciativas.” Porém se fizermos uma simples pesquisa na internet acharemos várias denúncias relacionadas a essa empresa por desrespeitar a população e o meio ambiente.

No estado do Piauí, por exemplo, a empresa foi impedida pela Justiça Federal de continuar as suas atividades, visto que foi feita a denúncia de que a mesma estaria causando a destruição do cerrado piauiense, não tendo a menor preocupação com a fauna e a flora e utilizando da miserabilidade da região para continuar degradando. Segundo a desembargadora Selene Maria de Almeida, relatora do processo, a empresa serviu-se de expedientes como o tráfico de madeira, EIA-RIMA insatisfatório e recompensa ambiental voluntária para explorar a vegetação. Segundo a relatora, a empresa faturou 14 bilhões de reais explorando a pobreza e a falta de emprego do povo piauiense para continuar utilizando a lenha.

Podemos encontrar outros episódios de problemas ambientais provocados pela empresa. Em 1998, a Bunge foi responsável pelo derramamento de 22 mil toneladas de ácido sulfúrico no canal de acesso ao porto de Rio Grande, no Rio Grande do Sul. O caso ocorreu devido a um problema de pressão nas bombas, o que fez com que o ácido vazasse para o casco do navio, abrisse as comportas e se espalhasse pelo canal. Além de poluir, o derramamento também causou um grande prejuízo à atividade pesqueira da região. E em 2005 a organização Greenpeace fez uma denúncia contra a empresa

afirmando que esta utilizava soja transgênica em um dos seus óleos sem que isso fosse mostrado ao consumidor.

O Moinho Fluminense encontra-se na Zona Portuária da cidade do Rio de Janeiro, que atualmente passa por um processo de revitalização recebendo grandes investimentos públicos e privados: as obras do Projeto Porto Maravilha. Por isso, este empreendimento será transferido para o município de Duque de Caxias.

### **A transferência do Moinho Fluminense: da Zona Portuária carioca para o Bairro Parque Duque/Duque de Caxias.**

Como principal motivador da transferência da empresa Moinho Fluminense de uma região central para uma periférica, temos as já conhecidas leis ambientais mais permissivas e benefícios fiscais em sua instalação, além do Projeto Porto Maravilha que tem por finalidade a revitalização da Zona Portuária e a sua reintegração à cidade do Rio de Janeiro.

Visando os Jogos Olímpicos de 2016, que serão sediados na cidade do Rio de Janeiro, o projeto conta com a construção de museus, shoppings, condomínios, edifícios empresariais, hotéis e novas vias expressas. As obras na região do porto da cidade geram um processo de gentrificação, transformando a Zona Portuária em um polo turístico-comercial, atraindo escritórios de grandes multinacionais e uma população de classe média alta, afastando assim as classes menos privilegiadas que anteriormente residiam no local.

De acordo com essa nova proposta de utilização da região portuária, a indústria Moinho Fluminense não se enquadra neste novo cenário e chega a ser considerada um elemento obsoleto para a cidade. Devido a isso, a indústria foi vendida por cerca de R\$800 milhões para a Vinci Partners. A estrutura da fábrica, tombada como patrimônio arquitetônico, será mantida e abrigará salas comerciais e um shopping center.

Tendo em vista que o Moinho Fluminense já não cabe mais nesta nova proposta de utilização da Zona Portuária, o empreendimento será deslocado

para o município de Duque de Caxias, Baixada Fluminense. No ano de 2014 o prefeito Alexandre Cardoso anunciou que a Bunge instalará o novo empreendimento no bairro Parque Duque e que este será o maior investimento da Bunge na área, pois a instalação custará 500 milhões de reais.

O prefeito do município e o diretor da empresa se mostram otimistas em relação ao novo negócio, visto que, a obra que se iniciará ainda nesse ano e com previsão de conclusão para 2016, gerará cerca de 1600 empregos diretos e indiretos e após a finalização do projeto serão gerados em torno de 300 empregos para profissionais especializados. Porém, será que a instalação desse moinho será positiva para a

população e o meio ambiente da região? Será que a população residente sabe os impactos que esse investimento trará para as suas vidas?

Partindo dessa análise, devemos levantar diferentes hipóteses possíveis sobre os malefícios ambientais, sociais e locais que a Bunge poderá provocar a partir de seu efetivo funcionamento.

### **A Educação Ambiental como ferramenta para a formação de um pensamento crítico sobre a instalação do Moinho Fluminense no bairro Parque Duque.**

Para que a discussão seja levada para a população, será necessário encaixá-la no discurso geográfico e, para isso, seria utilizado primordialmente o conceito de paisagem, visto que este é um conceito chave para a ciência geográfica e é ainda polissêmico, ou seja, pode ser abordado em diversas áreas do conhecimento e de diferentes maneiras.

Mudanças na paisagem de um lugar podem ser estruturais ou funcionais. Dentro de uma hierarquização e divisão territorial do trabalho, incluindo um estado ou uma cidade, são geradas paisagens funcionalmente distintas e complexas capazes de atender as funções determinadas a elas. Esse fenômeno segundo Milton Santos (2012) é chamado de princípio da diferenciação funcional dos subespaços.

A transferência de uma grande empresa alimentícia para a periferia do estado do Rio de Janeiro, nada mais é que uma forma de conseguir mais vantagens em seu funcionamento, leis mais brandas em diferentes âmbitos, força de trabalho mais abundante e barata, entre outros fatores determinantes.

Segundo preceitos apontados por Simões (2011), algumas cidades que anteriormente eram apenas “cidades dormitórios” - podemos apontar Nova Iguaçu e Duque de Caxias como exemplos - ganham importância política, social e econômica passando assim a atuarem como cidades externas, recebendo e gerando indústrias (sede em outro lugares, em cidades centrais ou no exterior), comércios e serviços locais. Possibilitando que essa força de trabalho que anteriormente utilizava o município como dormitório passasse a atuar nele.

Seu funcionamento na Baixada Fluminense, mais diretamente no Parque Duque no município de Duque de Caxias, demonstra essa mudança produzida pelas estruturas econômicas e políticas do Estado, determinadas a encontrar motivações que justifiquem sua transferência e instalação na periferia.

Dentre os possíveis problemas que a instalação da Bunge no Parque Duque acarretará, podemos levantar a hipótese da degradação dos rios próximos, uma vez que ainda não se sabe de que forma a empresa tratará os resíduos gerados pela industrialização desses produtos agrícolas. Também é necessário pensar em todos os processos anteriores a produção fabril como a forma com que as sementes são produzidas, a utilização de agrotóxicos, as condições de trabalho dos agricultores que produziram essas sementes, a forma como essas sementes são transportadas. Temos que considerar que a produção é feita com sementes transgênicas e o plantio é feito à base de agrotóxicos. Sendo assim, a Moinho Fluminense não afeta somente a região em que está instalada, mas também as regiões em que essas sementes foram produzidas e por onde foram transportadas.

É importante observar as denúncias contra a Bunge, já citadas ao longo deste trabalho, para compreender melhor o que ela representa. Os impactos já gerados em outros locais são alerta de que o mesmo pode acontecer aonde ela ainda irá se instalar. Esses impactos podem ser ambientais, como a

exploração excessiva de recursos naturais e a falta de tratamento dos resíduos, mas também podem ser sociais, como as péssimas condições de trabalho e baixos salários com horas excessivas de trabalho. Tendo em vista esses argumentos, torna-se necessário questionar se a Bunge trará mais benefícios ou malefícios aos moradores do Parque Duque e quais são eles. É preciso também fazer com que a população se questione e, caso se encontrem insatisfeitos com a situação, auxiliá-los - através da Educação Ambiental crítica - a pensar em alternativas e formas de transformação da realidade.

A realização de um trabalho de Educação Ambiental nesta comunidade se mostra importante, pois tem por finalidade conscientizar os moradores como atores fundamentais na construção de um meio ambiente justo, garantindo assim qualidade de vida à população. A compreensão e o comprometimento individual são essenciais para que os resultados sejam alcançados, entretanto, o trabalho em Educação Ambiental deve ser focado no coletivo, no “movimento coletivo conjunto” (GUIMARÃES, 2004) para a transformação socioambiental.

A Educação Ambiental Crítica apresenta uma visão holística de mundo, onde o social não está separado do ambiental e as escolhas individuais não se dissociam da história e das normas sociais. Sendo assim, ela “cumpre um papel de desalienação ideológica das condições sociais, evidenciando que as coisas nem sempre foram assim, e que não têm porque continuarem sendo.” (LAYRARGUES, 2006).

Segundo Layrargues no livro *Pensamento complexo, dialética e educação ambiental*, a E.A. crítica como modalidade de ensino, exerce duas funções, são elas: “a função moral de socialização humana” e “a função ideológica de reprodução das condições sociais”. Sendo assim, ela se mostra uma importante ferramenta na discussão da chegada da Bunge ao Parque Duque. Através dessas funções é possível trabalhar com os seguintes questionamentos: “Por que a Bunge está vindo para Caxias? Essa nova realidade que será construída com a sua chegada é favorável aos moradores? Se não, o que podemos fazer para a transformação desta realidade?”

Através de questionamentos como este é possível se aproximar cada vez mais da tão desejada visão holística da situação, deixando para trás o

pensamento fragmentado onde só se enxerga a criação de empregos e se esconde os demais problemas trazidos com a instalação desta empresa. A obtenção desta visão holística de mundo também é um grande desafio para a Educação Ambiental crítica, e talvez um dos seus principais objetivos.

“O desafio da complexidade para a educação ambiental parece ser o de tornar visível as mútuas relações de causalidade multidimensional entre os fatores ecológicos, sociais, culturais, econômicos, políticos, territoriais, éticos (...) Afinal, não estamos acostumados a ver as coisas assim conectadas, ao contrário, com o paradigma cartesiano tendemos a fragmentar, separar, dividir, hierarquizar e parece natural ver as coisas separadas, sem conexão. E assim, vemos os problemas ambientais separados dos problemas sociais (LAYRARGUES, 2006).”

É preciso conscientizar a população dos possíveis problemas que poderão chegar junto com a instalação desta empresa no seu bairro, mas também é preciso que eles compreendam o porquê desta transferência do Moinho, que anteriormente estava localizado na Zona Portuária carioca para Duque de Caixas, justamente no momento em que a sua região passa pelas transformações do Projeto Porto Maravilha.

O Moinho Fluminense já não cabe mais na paisagem do porto do Rio, visto que essa região está passando por um momento de transformação e irá se tornar uma das áreas mais nobres da cidade. Sendo assim, o empreendimento será transferido para a cidade vizinha, Duque de Caxias, em um bairro de classe desprivilegiada.

### **O Moinho Fluminense no bairro Parque Duque: um caso de Racismo Ambiental**

Podemos caracterizar essa situação como um exemplo de Racismo Ambiental, visto que este é definido como:

“(...) uma forma de discriminação institucionalizada. A discriminação institucional é definida como “ações práticas conduzidas pelos membros dos grupos (raciais ou étnicos) dominantes com impactos

diferenciados e negativos para os membros dos grupos (étnicos ou raciais) subordinados”.” (FEAGIN E FEAGIN, 1960 *apud* BULLARD, 2004) O autor nos diz ainda que:

“Algumas indústrias têm se mostrado ansiosas por explorar essa vulnerabilidade. Algumas têm ainda utilizado a colaboração de autoridades públicas eleitas para obter reduções especiais de impostos e permissões governamentais para seu funcionamento. Claramente, as políticas ambientais e de desenvolvimento econômico fluem das forças produtivas e são frequentemente dominadas e subsidiadas por atores estatais.” (BULLARD, *apud* BULLARD, 2004)

Sendo assim, chamamos de Racismo Ambiental às injustiças sociais e ambientais que recaem de forma implacável sobre grupos étnicos vulneráveis e sobre outras comunidades, discriminadas por sua origem ou cor. As consequências do racismo ambiental são várias, tanto na área ambiental quanto na social, dificilmente a razão pelo qual isso acontece é exposta. Por exemplo, quando um aterro sanitário é implantado em uma região periférica algumas discussões sobre os problemas que serão gerados por ele podem até ser levantadas, mas dificilmente questionamentos como "Por que escolheram este lugar?" ou "Por que não existem aterros sanitários em áreas nobres?" é feito.

Apresenta-se assim um grande problema, as pessoas que sofrem o racismo ambiental muitas vezes não se reconhecem como vítimas desse processo menosprezando a si e o local em que vivem. Com a Educação Ambiental crítica é possível construir um trabalho coletivo com estas pessoas de tal modo que permita que elas percebam que o racismo ambiental existe e, desta forma, se tornem capazes de pensar em alternativas e/ou formas de luta para transformar sua realidade, tornando-se sujeitos conscientes. Podendo assim, discordar, apoiar, opinar e legitimar as intervenções pensadas para seu bairro e, por consequência, suas vidas.

Concluimos então, que o desenvolvimento de um trabalho em Educação Ambiental em comunidades faz-se necessário nos dias de hoje, visto que este tem o propósito de desvendar as intencionalidades por detrás de projetos que

ditam trazer melhorias para a população, como também trás a tona a ideia (e a prática) da construção coletiva de uma sociedade ambientalmente justa.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- BRASIL. *Prefeito alexandre cardoso anuncia investimento de R\$ 500 milhões pelo moinho fluminense*. Disponível em: [http://duquedecaxias.rj.gov.br/portal/index.php?option=com\\_content&view=article&id=1223:moinhoflu&catid=30:noticias-da-desenv-economico&Itemid=256](http://duquedecaxias.rj.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=1223:moinhoflu&catid=30:noticias-da-desenv-economico&Itemid=256). Acessado em 14/08/2014.
- \_\_\_\_\_. *Porto Maravilha: um sonho que virou realidade*. Disponível em: <http://www.portomaravilha.com.br/web/sup/OperUrbanaApresent.aspx>. Acessado em 14/08/2014;
- BULLARD, Robert. *Enfrentando o racismo ambiental no século XXI*. In: ACSELRAD, Henri; HERCULANO, Selene; PÁDUA, José Augusto (Org.). *Justiça ambiental e cidadania*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2004.
- GREENPEACE. *Câmara discutirá denúncia do Greenpeace contra Bunge e Cargill*. Disponível em: <http://www.greenpeace.org/brasil/pt/Noticias/c-mara-discutira-denuncia-do-g/>. Acessado em 13/08/2014.
- LAYRARGUES, Philippe. Educação para a gestão ambiental. In: LOUREIRO, Carlos (Org.), SANTOS, Erivaldo, NOAL, Fernando, CARVALHO, Isabel, SPAZZIANI, Maria, LAYRARGUES, Philippe (Org.) e CASTRO, Ronaldo (Org.). *Sociedade e meio ambiente: A educação ambiental em debate*. São Paulo: Cortez, 2000. 87.
- \_\_\_\_\_. Muito além da natureza: educação ambiental e reprodução social. In: LOUREIRO, Carlos (Org.), LAYRARGUES, Philippe (Org.) e CASTRO, Ronaldo (Org.). *Pensamento complexo, dialética e educação ambiental*. São Paulo: Cortez, 2006. 72.
- LOUREIRO, Carlos. Teoria social e questão ambiental. In: LOUREIRO, Carlos (Org.), LAYRARGUES, Philippe (Org.) e CASTRO, Ronaldo (Org.). *Sociedade e meio ambiente: A educação ambiental em debate*. São Paulo: Cortez, 2000. 13.
- NEVES, Estela e SALOMÉ, Katya. *Para a construção de diagnósticos locais participativos – DLP*. Secretaria de Meio Ambiente – SMAC. Rio de Janeiro, 1997.
- SANTOS, Milton. *Metamorfose do espaço habitado*. São Paulo: EDUSP, 2012.
- SIMÕES, Manoel Ricardo. *Ambiente e sociedade na Baixada Fluminense*. Entorno, 2011.
- TABAK, Flávio. *Aberto desde 1887, Moinho Fluminense vai virar centro comercial em 2016: Indústria vai se mudar para continuar abastecendo padarias do Rio*. Disponível em <http://oglobo.globo.com/economia/aberto-desde-1887-moinho-fluminense-vai-virar-centrocomercial-em-2016-11704512#ixzz3AUGF5cqM>. Acessado em 15/08/2014.
- TERRAMAR. *Justiça Federal suspende atividades da Bunge no Piauí*. Disponível em: <http://sispub.oktiva.com.br/oktiva.net/1320/nota/79013>. Acessado em 13/08/2014.

VILLELA, Flávia. *Após 14 anos, Justiça confirma condenação da Bunge*. Disponível em:

<http://exame.abril.com.br/brasil/noticias/apos-14-anos-justica-confirma-condenacao-dabunge?page=1>. Acessado em 13/08/2014.